

POR UMA TERMINOLOGIA COMPARTILHADA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: PROPOSTA DE UMA BASE DE DADOS TERMINOLÓGICA

Márcio Sales Santiago (UFC – CNPq/Funcap)

Sabrina Pereira de Abreu (UFRGS)

Resumo: Na atual geração da Educação a Distância (EAD), a Internet e todas as ferramentas resultantes do desenvolvimento das novas tecnologias da informação são meios que permitem a realização de debates, de trocas de opiniões e de consultas, propiciando a interação entre professores, tutores, alunos e especialistas. Entretanto, sabe-se que a interação só é de fato efetiva quando se estabelece uma comunicação eficaz entre os interlocutores, quando há entendimento entre as partes do discurso. Este é o ponto crucial nos domínios técnico-científicos, já que estão envolvidos neste âmbito conhecimentos específicos expressos através de uma comunicação especializada. No caso da EAD, por ser uma área multidisciplinar e em constante desenvolvimento, a comunicação é por vezes comprometida, em razão de os termos serem oriundos de diversos campos e de os conceitos ainda não estarem totalmente fixados. Neste artigo, propomos uma sistematização do léxico da EAD, que significa, em última análise, estudar, sob o paradigma da Terminologia, os termos e os conceitos usados nessa área. Apresentamos os princípios teórico-metodológicos tendo em vista a elaboração de uma base de dados que contemple a terminologia da EAD. Tal ferramenta objetiva favorecer efetivamente a interação entre professores, estudantes e demais profissionais envolvidos com esta modalidade de ensino, visto que poderão compartilhar de uma terminologia comum, possibilitando um melhor entendimento do léxico da área.

Palavras-chave: Terminologia, Interação, Base de dados terminológica, Educação a Distância.

Abstract: In the current generation of Distance Education, the Internet and all the tools resulting from the new information technology are means that allow for discussion, exchange of opinions and consultation, providing interaction among teachers, tutors, students and experts.

However, the interaction is only effective when an effective communication is established among the communicators. This is the crucial point in technical, scientific and technology domains, since this scope includes specific expressive knowledge through specialized communication. Since Distance Education is a multidisciplinary field in constant development, communication is sometimes compromised, because the terms come from various fields and also because the terms are not yet entirely established. This paper is justified to propose the systematization of Distance Education's lexicon, which ultimately amounts to studying the terms and concepts used in this field under the Terminology paradigm. We present the theoretical and methodological principals seeking the preparation of a database covering Distance Education terminology. Such tool has the purpose of effectively facilitating the interaction among teachers, students and other professionals involved in this teaching method, since they will be able to share a common terminology, which will lead to a better understanding of this field's lexicon.

Keywords: Terminology, Interaction, Terminological database, Distance Education.

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento e a divulgação da terminologia¹ usada no ambiente profissional da Educação a Distância (EAD²) e no da comunidade que busca seus serviços consiste em uma eficiente estratégia de gestão. Isto porque os resultados obtidos, se devidamente sistematizados e aplicados, auxiliam na padronização de uma linguagem comum,

1 A fim de evitarmos ambiguidades, Terminologia será grafada de duas formas no decorrer do texto: com inicial maiúscula, para nos referirmos à área científica de estudos; e com inicial minúscula, para fazer referência a um dado conjunto dos termos.

2 Na literatura especializada e na Internet, há variação quanto à grafia da sigla. À semelhança de Santiago (2013), neste artigo optamos pela forma EAD, a qual se que se associa à ideia de Educação Aberta e a Distância, visto que “o pensamento de uma instituição educacional que pratica EAD está intrinsecamente ligado à ideia de Educação Aberta” (FRANCO, 2004, p. 9).

facilitam e melhoram o acesso à informação dos serviços de EAD, bem como incentivam a busca e o gerenciamento dos serviços oferecidos.

A colocação em prática, na medida do possível, de um léxico compartilhado tende a favorecer uma produtiva interação entre os usuários que agiliza os processos comunicacionais e, como tal, propicia a qualificação da informação sobre a prestação de serviços por parte de quem trabalha com esta modalidade educacional. Dessa forma, a elaboração de um repertório constituído pelos termos da EAD torna-se instrumento estratégico para o alcance e a concretização dos objetivos das políticas educacionais, funcionando como um instrumento de referência de uma linguagem real e necessária.

Cabe registrar que parece haver consciência, por parte da maioria das pessoas, acerca da importância da Educação como um dos direitos básicos de toda e qualquer sociedade. Todavia, quando se pensa em EAD, especificamente em relação à terminologia da área, o Brasil ainda dispõe de poucos materiais que possibilitem uma interação eficaz entre o profissional e o estudante de EAD. Os que existem, se bem analisados, correspondem apenas a listas de termos, muitas vezes pouco significativos para os usuários de tal léxico. Isto

significa dizer que ainda não há uma sistematização científica suficiente dos termos básicos da área, relacionados, obviamente, a seus respectivos conceitos.

Nessa medida, a pesquisa que pretendemos empreender, tal como o instrumento de registro lexical que visamos elaborar, deverá cumprir uma das finalidades pragmáticas e sociais do estudo aplicado acerca do léxico especializado, qual seja: suprir carências no âmbito da comunicação especializada em temáticas necessárias à sociedade e que, até onde pudemos averiguar, ainda não dispõem de bases de dados que congreguem informações terminológicas.

2. BREVE CENÁRIO DA EAD

A origem da EAD ocorreu na Europa e nos Estados Unidos, no final do Século XIX. Nesta época, algumas Instituições de Ensino Superior (IES) da rede particular ofertaram cursos a distância com o objetivo de solucionar problemas relacionados ao ensino de temas de pouca ou quase nenhuma importância acadêmica. Como exemplo dessa situação, Santiago (2013, p. 31) cita o caso da Universidade de Chicago que, em 1892, passou a oferecer um curso por correspondência, incorporando os métodos e técnicas da modalidade educativa que, via de regra, se dava a distância.

A criação de outros meios de comunicação, tais como

o rádio, a televisão, o telefone, e o surgimento de outras mídias, como fitas de áudio e de vídeo, incrementaram ainda mais o crescimento desta modalidade de ensino a distância, apesar da pouca confiabilidade que, em geral, se dava aos cursos oferecidos nessa modalidade de ensino. Segundo Litwin (2001, p.15) “transcorreram várias décadas até que a educação a distância se estabelecesse no mundo dos estudos como uma modalidade competitiva perante suas ofertas da educação presencial.”

Atualmente, conforme Santiago (2013), podemos dizer que o crescimento da EAD, sem dúvida alguma, é uma predisposição da educação superior e técnica, considerando-se o processo de globalização e o conseqüente dinamismo social, econômico e tecnológico que o mundo atravessa. Hoje em dia, a EAD se vale de mídias mais modernas e eficientes. Além do uso do computador, o desenvolvimento de vários recursos tecnológicos com vistas ao ensino-aprendizagem, tais como CD-ROMs interativos, *softwares* educativos, ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), e a inclusão da Internet como um novo meio de transmissão, modificaram o *status* dessa modalidade de ensino. Agora, vislumbra-se um nível bem mais elevado do que se tinha há pouco mais de 50 anos, quando, em grande medida, a imagem que se tinha da EAD era negativa.

Neste novo contexto, as salas de aula passaram a ser virtuais e interativas, impulsionando o surgimento de novas ideias e, conseqüentemente, de novos conceitos e de novos termos. Esta mudança, ocorrida principalmente na metade da década de 1990, foi um avanço não somente no aspecto teórico e prático da EAD, mas também desencadeou a explosão de uma nova terminologia.

Considerando, portanto, a evolução dos meios tecnológicos de transmissão, reproduzimos uma síntese apresentada por Santiago (2013) que resume de forma esquemática as gerações da EAD:

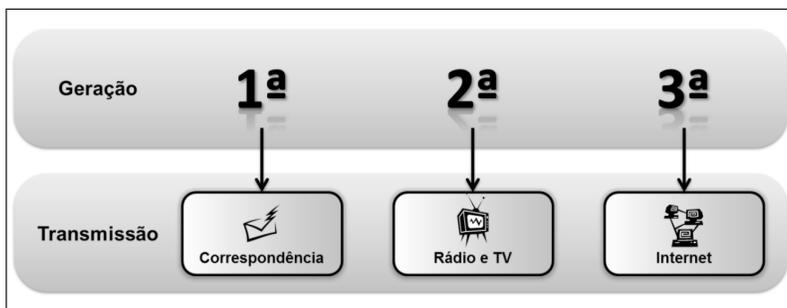


Figura 1: Gerações da EAD

Fonte: Adaptada de Santiago (2013, p. 32).

Mesmo tendo havido um considerável avanço na área no final do século passado e no início deste século, o qual pode ser traduzido pelo desenvolvimento e pela implementação de novas metodologias e meios de transmissão, ainda permanecia entre algumas pessoas a crença de que com a

EAD os alunos poderiam obter uma formação rápida e fácil em relação à dificuldade e ao esforço dispendidos para se realizar um curso presencial. Essas, além de outras crenças equivocadas, fizeram com que durante muitas décadas a EAD tenha sido bastante discriminada, fato que acontece ainda hoje, só que com menor intensidade. Vale ressaltar, no entanto, como aponta Santiago (2013, p. 33), que a EAD não é uma modalidade educacional menor ou de segunda categoria em relação a outras formas de ensino. Não deve ser também encarada como modismo ou como um remédio para curar todas as mazelas educacionais acumuladas, como ensina Liwin (2001, p. 21):

O desafio permanente da educação a distância consiste em não perder de vista o sentido político original da oferta, em verificar se os suportes tecnológicos utilizados são os mais adequados para o desenvolvimento dos conteúdos, em identificar a proposta de ensino e a concepção de aprendizagem subjacente e em analisar de que maneira os desafios da 'distância' são tratados entre alunos e docentes e entre os próprios alunos. [...] O verdadeiro desafio continua sendo seu sentido democratizante, a qualidade da proposta pedagógica e de seus materiais.

De acordo com Santiago (2013, p. 33-34), por conta do impacto tecnológico e do reconhecimento oficial no meio

acadêmico e governamental, a EAD está atualmente muito valorizada. Hoje, muitas IES presenciais adotam a EAD em função da grande procura por cursos a distância. Até mesmo nos fluxogramas de alguns cursos de graduação e pós-graduação presenciais já existem disciplinas que podem ser cursadas a distância.

No Brasil, a Universidade Aberta do Brasil (UAB) foi criada pelo Ministério da Educação em 2005, tendo como prioridade a formação de professores para o Ensino Fundamental e Médio. A UAB realiza convênios entre universidades públicas, particulares, estados e municípios com o objetivo de promover acesso a distância ao ensino superior para pessoas que não têm a possibilidade de ingressar na universidade convencional. Os motivos são muitos, todavia a educação a distância, como o próprio termo revela, atende tradicionalmente às pessoas que estão em pequenos e longínquos lugares de nosso país, impossibilitadas de sair para outras cidades por motivos econômicos, familiares, entre outros. Entretanto, esta realidade vem se modificando, considerando que muitos alunos residem no mesmo lugar onde é oferecido o curso ou a disciplina. Neste caso, as principais razões são mesmo o tempo e a possibilidade de estudar a distância, em casa ou no trabalho (SANTIAGO, 2013, p. 34).

Por todo esse avanço, a EAD vem sendo constantemente objeto de estudos em função da importância que tem alcançado e pelo interesse que o tema desperta entre os profissionais de diversas áreas. Tal fato é decorrente da busca pelo aperfeiçoamento das estratégias de educação a distância, como também da evolução de tecnologias interativas da comunicação.

3. TERMINOLOGIA E INTERAÇÃO

Em sentido amplo, a Terminologia é a área de estudos que se volta para a análise e a descrição do léxico especializado, que, por sua vez, é entendido pelo conjunto de unidades que representam o conhecimento especializado de uma determinada área, seja ela técnica, científica ou tecnológica, em contextos profissionais, acadêmicos ou científicos. Cumpre ainda dizer que o principal objeto de estudo e análise da Terminologia é o termo.

A preocupação com a terminologia, cabe mencionar, não é recente. Desde que o ser humano busca conhecimento, encontra-se diante de comunicações especializadas e, por conseguinte, de expressões específicas. Rondeau (1984) exemplifica que vocábulos especializados já eram utilizados por povos das civilizações da Antiguidade Clássica, como Grécia e Creta. Nos primórdios, o latim e o grego foram

os idiomas escolhidos pelos estudiosos para idealizar as chamadas nomenclaturas técnico-científicas. O papel dessas nomenclaturas era o de padronizar, ou seja, rotular unidades lexicais criadas de forma artificial, no intuito de se evitar fenômenos linguísticos, tais como variação e polissemia. Criava-se, dessa forma, uma classificação científica com a função de organizar critérios que se almejam universais, mas que, por conta do enorme conjunto dos seres humanos e a sua inerente diversidade, sofrem adaptações necessárias e naturais.

Ainda hoje, muitas áreas utilizam este ideal que busca uma normatização para tornar unívoca a comunicação especializada. Faz-se, então, obedecendo a uma série de critérios, uma uniformização de termos através dos chamados vocabulários controlados, que, segundo Barité (1997, p. 154), são um “conjunto estruturado de conceitos destinado à representação do conteúdo de documentos, e que se compreende a organização lógica de tais conceitos em distribuições por classes ou disciplinas, e as relações recíprocas e estáveis que mantêm entre eles”. Assim, nos vocabulários controlados, os termos são elementos que habitam uma linguagem artificial. O objetivo principal desse vocabulário é auxiliar na organização do conteúdo temático

de um campo especializado, ao estabelecer uma organização lógico-cognitiva entre seus conceitos, permitindo, por exemplo, que se obtenham condições para a recuperação de uma dada informação.

Essa perspectiva se aproxima da concepção clássica da Terminologia proposta por Eugen Wüster (1931) em sua tese de doutorado, quando realizou um estudo sobre a normalização e normatização³ da terminologia da Eletrotécnica. Dada a grandeza e importância de seu trabalho, o mesmo procedimento influenciou de certa forma para que ocorresse um aparelhamento e uma fixação dos termos em outras áreas do saber técnico-científico. Este foi então o passo inicial para que surgisse a Teoria Geral da Terminologia (TGT).

No entanto, com o advento de visões teóricas como a Socioterminologia e a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) frente à TGT de Wüster, ganha força a ideia de que os termos são, além de unidades cognitivas, unidades linguísticas e, por isso mesmo, são suscetíveis a fenômenos linguísticos como sinonímia, variação, polissemia, entre outros. Fortalece-se também a noção que defende o texto

3 Há em Krieger e Finatto (2004, p. 39) a diferença entre normalizar e normatizar: “Normalizar compreende aparelhar as línguas para todas as formas de expressão, sobretudo a expressão técnico-científica. Normatizar diz respeito à fixação de uma determinada expressão como a mais adequada” (grifos das autoras).

e a comunicação especializada como o lugar em que as unidades lexicais especializadas estão inseridas. Ante a esse novo entendimento de termo, as pesquisas que são fundamentadas pela Linguística de cunho descritivo, bem como pelas teorias da Linguística Textual, ganharam enorme valor. Assim, os resultados obtidos por elas são de grande relevância para os estudos terminológicos.

Hoje, pesquisas sobre o tema da variação terminológica são cada vez mais habituais principalmente nas ditas ciências humanas, onde a ideia de univocidade e precisão não é levada tão à risca quanto em campos mais clássicos e herméticos. Também em áreas recentes, sinônimos e variantes são usadas, muitas vezes indistintamente, já que o conhecimento é progressivo e muitas vezes a denominação não está ainda coadunada ao conceito.

No caso da EAD, observamos que, por ser recente e multidisciplinar, a área apresenta um léxico vasto, abundante, híbrido e não sistematizado, o que faz alguns especialistas terem a verdadeira noção de que a propagação de denominações pode mesmo vir a tornar-se um problema na interação, ocasionando, segundo Cabré (1993), dificuldades na comunicação entre especialistas e seus pares, aqui professores, tutores e alunos a distância.

Para ilustrar esse fato, citamos um estudo que realizamos em diversas fontes bibliográficas sobre EAD – glossários, dissertações, teses, artigos científicos, *sites* e tutoriais de ambientes virtuais de aprendizagem –, no qual realizamos uma observação preliminar dos termos presentes no referido domínio (SANTIAGO; ABREU, 2012). Dessa forma, encetamos uma análise com o intuito de fazer uma sondagem das principais características das unidades lexicais especializadas típicas da modalidade a distância.

Em relação ao plano denominativo, os dados demonstraram que os termos da EAD apresentam as seguintes características:

- considerando a configuração morfológica, o léxico da EAD apresenta termos simples, ou seja, não são formações resultantes de processos de formação de termos, tais como *tutor, rede, ambiente*;
- presença de termos formados por derivação prefixal, como em *interatividade*;
- presença de termos formados por derivação sufixal, como em *tutorial*;
- presença de empréstimos linguísticos, tais como *chat, feedback*;

- ocorrência de decalque do inglês, como *ciberespaço*;
- variações de registro: *EAD, EaD, Ead*;
- ocorrência de compostos sintagmáticos nominais e verbais, tais como *orientador de aprendizagem* e *orientar aprendizagem*;
- inclusão de adjetivo especificador: *virtual* em *sala de aula virtual*;
- presença de variação terminológica e de sinonímia terminológica: *acesso aberto/acesso flexível; atividade/tarefa; sistema/plataforma*.

Outro aspecto que chama atenção é a utilização de um termo pelo outro, principalmente nos ambientes virtuais de aprendizagem. O próprio termo *ambiente virtual de aprendizagem* já serve de exemplo, visto que recebe várias denominações como *sala de aula virtual, sala virtual, ambiente educacional virtual* ou apenas *AVA*. Assim, concordamos com Krieger (2009, p. 134) ao dizer que:

A interação sociocomunicativa fica, portanto, muito prejudicada, já que se contrapõe o uso de uma linguagem especializada com a praticada pelo cidadão, que, com raras exceções, não domina a terminologia específica e, concomitantemente, não acede parcial ou plenamente à dimensão conceitual que todo termo técnico expressa.

Entenda-se, neste contexto, o cidadão sendo representado pelo aluno a distância, que busca conhecimento em determinada área, mas que precisa possuir instrumentalização em EAD para que possa ter acesso a tal conhecimento. Desse modo, harmoniza-se a ao pensamento de Krieger a ideia de Leite (2007, p. 1), ao explicar que “nenhuma técnica será eficiente, se, entre aluno e professor, não houver adequado entrosamento *linguístico, a partir do qual a interação entre as partes se realiza. Esse não é um problema simples de ser resolvido*”.

Outro fato interessante, agora no nível conceitual, envolve o termo *espaço de aprendizagem*. Especialista na área de EAD, Peters (2004, p. 129) assegura que:

O termo ‘espaço de aprendizagem’ ainda não foi descrito com precisão, e menos ainda definido. Na verdade isso é difícil porque ainda não está claro o que exatamente se quer dizer com ‘espaço’. Em geral, compreendemos isso como uma extensão tridimensional, uma área com altura, largura e comprimento na qual se encontram objetos com posições e orientações que podem ser alteradas. O significado do termo ainda não está claro.

Podemos notar que a EAD envolve noções oriundas de diversos campos e que estas noções, quando transpostas para seu universo formam outros conceitos, outras denominações, o que provoca discussões como a que se apresenta no

fragmento anterior. Questões como esta são pontos principais no estudo dos domínios técnico-científicos, já que estão envolvidos neste âmbito conhecimentos específicos que são manifestados através de uma comunicação especializada.

Dessa forma, a interação só é mesmo concretizada quando se estabelece uma comunicação eficaz entre os interlocutores, ou seja, quando há intercâmbio entre os envolvidos no discurso. Entretanto, no momento de interagir com o aluno, muitos professores e tutores não se preocupam com a estratégia interacional que adotam, esquecendo-se de que o que está em jogo no momento não é *apenas* a colocação em prática de um bom material didático ou de uma interface amigável, mas, de fato, a aprendizagem. Portanto, as escolhas lexicais visam, na prática, permitir um melhor entendimento entre alunos, professores, tutores e especialistas.

Assim, ao utilizar e propagar múltiplos termos e conceitos de um léxico já tão diversificado como o da EAD, professores e tutores contribuem para que a interação tenha pouco êxito, e que o objetivo central da educação em si, a aprendizagem, fique prejudicado. Nesse sentido e em virtude dessa multiplicação de conceitos e denominações, propomos uma base terminológica para a EAD, já que compreendemos que

um estudo que sistematize a comunicação especializada poderá vir a preencher lacunas que eventualmente possam existir entre alunos e profissionais da área.

4. POR UMA BASE DE DADOS TERMINOLÓGICA DA EAD

Segundo a norma ISO 1087 (1990), citada por Barros (2004, p. 265), caracteriza-se uma base de dados terminológica como sendo “um conjunto estruturado de fichas terminológicas organizado em um sistema de informação eletrônico”. Na prática, pode-se dizer que uma base de dados em Terminologia é uma reunião de informações que podem ser acessadas e consultadas rápida e produtivamente.

Com relação à ficha terminológica, trata-se de uma ferramenta imprescindível para qualquer tarefa que envolva procedimentos relativos ao tratamento do léxico especializado. A função primordial das fichas é o armazenamento das informações que posteriormente serão utilizadas na produção e na composição de um produto terminológico, neste caso, a base de dados dos termos da EAD. Além disso, a importância de se registrar dados em fichas é que se tem uma compilação de informações representativas a respeito do termo, tais como área temática, descrição dos níveis linguísticos, relação com outros termos, entre outras.

O registro dos dados está sendo feito, inicialmente, na ficha da unidade lexical do projeto Banco de Dados da Língua Geral (BDLG)⁴, elaboradas a partir do *software* Microsoft Access, conforme a figura a seguir:

Ficha da Unidade Lexical		Código:	1103
Gerenciamento			
Data de criação:	Pesquisador responsável:		
Data 01:	Data 02:	Data 03:	Data 04:
Data 05:		Pesquisador revisor:	
Data de revisão:		Revisar: <input type="checkbox"/> Imprimir: <input type="checkbox"/>	
Data de publicação da web:	Responsável pela publicação:		Publicar na Web <input type="checkbox"/>
Identificação			
Unidade: <input type="text"/>			
Definição:		Contexto:	
<input type="text"/>		<input type="text"/>	
UL básica:	UL variante:	Tipo de variante:	
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
Tipo de arquivo:	Fonte documental:		
<input type="text"/>	<input type="text"/>		
Prova textual:	Observações sobre a fonte:		
<input type="text"/>	<input type="text"/>		
Área temática			
Língua comum <input type="checkbox"/>		Área da língua comum: <input type="text"/>	
Língua de especialidade <input type="checkbox"/>			
Análise Organoléptica <input type="checkbox"/>	Subárea:	Ciências da Saúde <input type="checkbox"/>	Subárea:
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Ciências Econômicas <input type="checkbox"/>	Subárea:	Ciências Jurídicas <input type="checkbox"/>	Subárea:
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Comércio Exterior <input type="checkbox"/>	Subárea:	Ciências Biológicas <input type="checkbox"/>	Subárea:
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
E-commerce <input type="checkbox"/>	Subárea:	Educação a Distância <input type="checkbox"/>	Subárea:
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Informação Morfológica			
UL recente (neologismo): <input type="checkbox"/>	Tipo de UL:	Forma reduzida:	Tipo de forma reduzida:
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Processo de formação:	Derivação:	Composição:	
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	
Notas técnicas:			
<input type="text"/>			
Nome: <input type="checkbox"/>	<input type="text"/>		
Adjetivo: <input type="checkbox"/>	<input type="text"/>		
Verbo: <input type="checkbox"/>	<input type="text"/>		

4 Desenvolvido no âmbito do Instituto de Letras da UFRGS, este projeto tem como principais objetivos: 1) construir um banco de dados linguísticos capaz de armazenar dois tipos de léxicos: o da língua comum e o das linguagens especializadas, que será disponibilizado virtualmente à comunidade interessada; 2) descrever as propriedades dos termos e dos lexemas, comparativamente, em suas diferentes extensões, procurando delimitar as propriedades desses objetos (ABREU, 2009).

Informação Sintática	
Formação da UL complexa:	<input type="text"/> - <input type="text"/>
Presença de conetivo: <input type="checkbox"/>	Tipo de conetivo: <input type="text"/> Presença de adjetivo: <input type="checkbox"/> Tipo de adjetivo: <input type="text"/>
Notas técnicas:	<input type="text"/>
Informação Extralinguística	
Região: <input type="text"/>	Marca sociolinguística: <input type="text"/>
Marca temporal: <input type="text"/>	Marca de Frequência: <input type="text"/>

Figura 2: Ficha da unidade lexical

Fonte: Projeto Banco de Dados da Língua Geral (UFRGS).

Não custa ressaltar que, apesar de ser denominada “ficha da unidade lexical”, tal instrumento registra tanto unidades lexicais da chamada língua geral, ou seja, palavras da língua comum, como unidades lexicais especializadas, isto é, termos de diferentes áreas especializadas ou campos temáticos. O Projeto BDLG adota esta metodologia por se entender que, atualmente, o limite entre palavra e termo é muito tênue, sendo necessária a identificação das unidades terminológicas por meio de parâmetros de reconhecimento consistentes, que tencionam revelar se uma dada unidade lexical pode assumir o *status* de termo. Como exemplo desses parâmetros, podemos citar: a pertinência do termo ao domínio, sua observação no contexto discursivo, bem como sua representatividade dentro da área (SANTIAGO, 2011).

Ainda sobre a ficha, convém destacar que ela foi erigida a partir de uma arquitetura projetada para facilitar o manuseio e o preenchimento dos dados, visto que já foram projetadas

caixas de opção nas quais estão definidos os valores a serem selecionados. Tem-se, dessa forma, uma compatibilização dos dados, evitando que um campo tenha valores heterogêneos para um mesmo dado, por exemplo, erros de digitação, iniciais maiúsculas, acentos etc. Sua estrutura está subdividida em partes, nas quais aparecem os campos que devem ser preenchidos. Podemos dividi-la da seguinte forma:

- gerenciamento, em que são inseridos dados relativos à data de criação da ficha, nome do pesquisador, datas de manuseio da ficha, data de revisão, de impressão e de publicação na *web*;
- identificação, na qual se inserem dados relativos à unidade terminológica e à fonte documental;
- identificação da área temática e da subárea;
- campo de informação morfológica, que contempla informações de ordem formal, tais como o tipo de termo, seu processo de formação, se há forma reduzida, classe gramatical, entre outras;
- campo de informação sintática, contemplando informações sobre sintaxe do termo, como qual a classe gramatical de um termo complexo (L'HOMME, 2004), se há conectivo ou adjetivo, qual o tipo de conectivo ou adjetivo;

- campo de informação extralinguística, que inclui informações acerca de marcas sociolinguísticas, de frequência, diatópicas e diacrônicas.

É importante observar que a estrutura da ficha terminológica passa por um permanente processo de avaliação. Muitas modificações são realizadas à medida que a preenchemos e observamos o comportamento dos termos, os quais expõem características que não haviam sido previstas e que são registradas no campo reservado para notas técnicas.

5. BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de breves considerações finais, reiteramos que a EAD possui um léxico especializado repleto de unidades que ainda não estão totalmente estabelecidas, razão pela qual é extremamente difícil determinar de antemão qual termo é o mais usado. Essa flutuação de termos é, por sua vez, a principal evidência de que a EAD é uma área multidisciplinar, em constante desenvolvimento.

Outrossim, queremos registrar que, além de propor uma sistematização denominativa e conceitual do léxico da EAD, a base de dados terminológica que visamos elaborar poderá se constituir como um eficiente e confiável instrumento capaz de auxiliar na interação, posto que

além de contemplar as diferentes denominações para o mesmo referente, visa a sugerir um termo preferencial. Este paradigma ainda não está contemplado na ficha apresentada anteriormente, pois depende de uma definição estrutural e do estabelecimento do desenho da base, os quais ainda estão sendo pensados e definidos.

Por fim, salientamos que a cooperação de especialistas, neste caso, profissionais da área de EAD, é necessária para ajudar na validação da terminologia selecionada, sobretudo, no tocante a conceitos e a termos inter-relacionados. Dessa maneira, compreendemos que a tarefa de elaborar uma ferramenta como uma base terminológica não se limita apenas a conhecimentos linguísticos. Ela é, pois, de natureza multidisciplinar, o que requer conhecimentos especializados, distintos e diversos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, S. P. de (2009). *Construção de um Banco de Dados da Língua Geral*. Projeto de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS. (mimeo)
- BARITÉ, M. G. (1997). *Glosario sobre organización y representación del conocimiento: clasificación, indización, terminología*. Montevideo: CSIC/ Índice.
- BARROS, L. A. (2004). *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp.
- FRANCO, S. R. K. (Org.) (2004). *Educação a Distância na Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS.
- KRIEGER, M. G. (2009). "Terminologia técnico-científica em espaço

- público: que terminologia é essa?” In *Revista da ANPOLL*, 1 (26), 130-145.
- KRIEGER, M. G., & FINATTO, M. J. B. (2004). *Introdução à Terminologia: teoria e pratica*. São Paulo: Contexto.
- LEITE, M. Q. (2007). Interação pela linguagem: o discurso do professor. *Letra Magna*, (7), 1-13.
- L'HOMME, M. C. (2004). *La terminologie: principes et techniques*. Montréal: Université de Montréal.
- LITWIN, E. (Org.) (2001). *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Artmed.
- PETERS, O. (2004). *A educação a distância em transição*. São Leopoldo: Unisinos.
- PRATA, C. L. (2004). *Educação a Distância na Universidade Anhembí Morumbi*. Apresentação digital de slides. Microsoft Office Power Point. Disponível em:<<http://www.cori.unicamp.br/foruns/tecno/evento3/Carmem.ppt>>. Acesso em: 17 dez. 2009.
- RONDEAU, G. (1984). *Introduction à la Terminologie*. Québec : Gaëtan Mourin.
- SANTIAGO, M. S. (2013). *Unidades fraseológicas especializadas em tutoriais de ambientes virtuais de aprendizagem: proposta de um sistema classificatório com base na valência verbal*. 223 f. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- _____. (2011). “O léxico da Educação a Distância: parâmetros para o reconhecimento terminológico de uma área em desenvolvimento”. *Domínios de Lingu@Gem*, 5 (2), 90-106.
- SANTIAGO, M. S., & Abreu, S. P. de (2012). “Educação a Distância no Brasil: análise preliminar de termos”. *Actas del Simposio Iberoamericano De Terminología*, Buenos Aires, Argentina, 12.
- WÜSTER, E. (1970 [1931]). *Internationale sprachnormung in der technik, besonders in der elektrotechnik*. (3ed.). Bonn: Bouvier.

Márcio Sales Santiago é doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutorando e professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador do CNPq/Funcap - modalidade DCR. Vice-líder do Grupo TermiLex, membro do Grupo Hiperged e gerenciador do Projeto Banco de Dados da Língua Geral. E-mail: mssantiago12@gmail.com.

Sabrina Pereira de Abreu é doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Projeto Banco de Dados da Língua Geral. E-mail: spiclone@gmail.com.

*Recebido em 16 de maio de 2014.
Aprovado em 14 de junho de 2014.*